



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIZA JUCA RIBEIRO

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA.

BRASÍLIA
2017

Mariza Juca Ribeiro

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão Examinadora
da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edelce Aparecida Santos Buzar

BRASÍLIA
2017

Mariza Juca Ribeiro

ESTRATÉGIA PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão Examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade
de Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar (Orientadora)

Departamento de Teoria e Fundamentos / FE / UnB

Prof.^a Dr.^a Liliane Campos Machado (UnB)

Departamento de Teoria e Fundamentos / FE / UnB

Prof. Saulo Machado Mello de Sousa (UnB)

Departamento de Teoria e Fundamentos / IL / UnB

Dedico a todas as pessoas que não desistiram do sonho de crescer profissionalmente e buscaram na educação os meios para se superar e quebrar paradigmas.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus e todos os Orixás pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial à Profa. Dr. Edeilce Aparecida Santos Buzar, responsável pela realização deste trabalho e à Profa. Dr. Maria Alexandra Militão por ter me ajudado a fazer as pazes com a minha escrita.

Agradeço aos meus amados pais, Divino Juca Ribeiro e Cândida Teixeira dos Santos, não apenas por esta, mas por todas as minhas demais conquistas. Agradeço à minha irmã Gláucia Maria Ribeiro, aos meus três preciosos filhos João Paulo, Iasmin e Ísis, a minha sobrinha Isabela Morena e ao meu sobrinho Rafael Berrêdo.

Às minhas amigas e amigos que conheci no curso de Pedagogia: Amanda, Dharana, Daniel Barros, Saulo, Lídia e Nariane obrigada pela paciência, pelo incentivo e pela força.

E por último, agradeço a banca por ter aceitado o convite e lido meu trabalho atentamente.

RESUMO

Esse trabalho teve por finalidade compreender as características da denominada escola-polo na área de deficiência auditiva do Distrito Federal, assim como identificar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores na condução do trabalho com estudantes surdos e descrever as interações entre os estudantes surdos e demais colegas na referida escola. O texto parte das concepções históricas de educação de surdos e educação inclusiva para surdos. A pesquisa de campo se deu por meio de observação de uma classe bilíngue de uma escola denominada escola-polo na área de deficiência auditiva e entrevistas com profissionais da educação. A análise baseou-se na pesquisa qualitativa e no estudo de caso. O resultado desta pesquisa foi organizado em duas categorias principais: Estratégias pedagógicas com estudantes surdos e Interação dos estudantes surdos com os colegas.

Palavras-chave: Educação de surdos; escola-polo; estratégias pedagógicas; interação aluno/aluno.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender las características de la “Escola-polo” para personas con necesidades especiales del Distrito Federal, identificar las estrategias pedagógicas utilizadas por los maestros en el trabajo de conducción con los estudiantes sordos y describir las interacciones entre los estudiantes sordos y otros colegas en esta escuela. El texto trae las concepciones históricas de la educación de sordos y educación inclusiva para las personas sordas. La investigación de campo se realiza a través de la observación de una clase bilingüe en una escuela de la “escola-polo” en el área de audición y entrevistas con los profesionales de la educación. El análisis se basa en la investigación cualitativa y en el estudio de caso. El resultado de esta investigación se organizó en dos categorías principales: estrategias de enseñanza con los alumnos sordos e interacción alumnos sordos con los colegas oyentes.

Palabras clave: la educación de sordos; “escola-polo”; estrategias de enseñanza; interacción estudiante/estudiante.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Bebedouro	62
Figura 2 Parquinho	63
Figura 3 Armários.....	64
Figura 4 Sala de aula bilíngue	65
Figura 5 Televisão	66
Figura 6 Aula bilíngue Português-Libras	67
Figura 7 Aniversário.....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise histórica da educação de surdos	28
---	----

SUMÁRIO

MEMORIAL	11
1-INTRODUÇÃO	17
2- PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA: EDUCAÇÃO PARA SURDOS	19
2.1 - Idade Antiga Escrita.....	23
2.2 - Idade Média	24
2.3 - Idade contemporânea.....	26
2.4- A Educação de surdos no Brasil	33
3 - A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ALUNO SURDO	36
3.1 – Escola-Polo	38
4 - METODOLOGIA	39
4.1 - CAMPO DE PESQUISA.....	41
4.2 - Dossiê da turma classe bilíngue de 1º e 2º ano do ensino fundamental	43
5- RESULTADOS	45
5.1- Contexto Educacional	46
Episódio 01: “Flexibilidade”	46
Episódio 02: “Equívoco”	46
Episódio 03: Onde está a Cultura surda?	47
Episódio 04: Entre flores e cores.....	48
Episódio 05: Sala de Recursos	48
5.2- Interação com os colegas.....	50
Episódio 01: “Nem se eu escutasse, eu queria te escutar”	50
Episódio 02- Fala... mas não te escuto	50
5.3 – ESCOLAS-POLO NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO.....	52
6 - Considerações Finais	55
7 - PERSPECTIVAS Profissionais	59
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS – FOTOGRAFIAS DA ESCOLA	62

MEMORIAL

As primeiras lembranças que tenho da escola é do meu primeiro dia de aula, tia Heponina (foi professora de jardim de infância dos meus irmãos mais velhos) nos recebeu com muita festa. Eu tinha sete anos e estava ansiosa para iniciar minha alfabetização. Lembro-me dos cadernos brochuras com desenhos de bichinhos na capa, dos 12 lápis de cores, da minha capanga¹ feita de saca de açúcar que era bem branquinha. O primeiro dia foi maravilhoso, a escola me pareceu algo muito bom. Desenhamos, brincamos de pular corda, pique esconde, cabra-cega, pura diversão, etc. Foi um dia inesquecível, no entanto foi o único dia bom que eu vivi na escola pelos três anos seguintes.

A festa durou pouco, no segundo dia de aula as lições começaram, e descobriram que eu era ambidestra. Minha professora saiu da sala e foi chamar a Madre Superiora, que já veio com uma espécie de faixa nas mãos, juntas, amarraram meu braço esquerdo. Começa aí meu tormento.

Adorava meu caderno de desenho, mas era o de caligrafia que eu mais usava. Era recriminada por todos, diretora, professora e colegas. A diretora madre Superiora falou-me que, escrever com a mão esquerda era coisa do DIABO. Chorei muito, mas meus sofrimentos não os comoviam, pelo contrário, elas achavam que era o certo a fazer.

Minha família na sua santa ignorância os apoiava, pois achavam que era o melhor pra mim.

EU? Desisti e me juntei a eles, era uma criança contra o mundo.

Tive muita dificuldade para aprender a escrever, minha letra era ruim, pois embora fosse ambidestra, tinha mais facilidade em escrever com a mão esquerda e para me alimentar com a direita, além disso, eu tinha muita facilidade de aprender matemática, mas português era meu dilema, na cartilha era A-E-I-O-U eu entendia U-O-I-E-A.

¹Capanga

Substantivo feminino

Bolsa pequena, de tecido, couro ou plástico, us. a tiracolo por viajantes, esp. comerciantes de pedras preciosas; bocó, mocó, us. na mão ou presa à cintura e destinada a carregar objetos menores, ger. de uso pessoal (Aurélio online).

Ora com braço enfaixado, ora sentado sobre mão esquerda ou com braço amarrado na cadeira, segundo elas para eu descansar. No recreio eu era vigiada para não jogar a bola da “Queimada” com a mão esquerda, meus colegas me vigiavam e avisavam a professora. Fui obrigada a fazer à Primeira Comunhão, pois acreditavam que isso me ajudaria.

Reprovei na terceira série, não sei o motivo nem o porquê, minha mãe nos tirou do colégio católico e nos colocou num presbiteriano/evangélico, não lembro ao certo qual seguimento era sei que tinha um pastor americano que era o diretor da escola.

Melhorou um pouco, mas de vez em quando alguém lembrava – me, que a mão esquerda, só servia para auxiliar a mão direita, ou seja, só pra segurar o caderno, isto é, no dia a dia funcionava apenas como uma “alavanca”, comer e escrever apenas com a mão direita.

Aqui percebia claramente a discriminação por minha situação socioeconômica e cor da pele, pois nunca éramos (eu e meus irmãos) chamados para participar de eventos na escola, quando éramos chamados, atuávamos como coadjuvantes em apresentações das festas comemorativas da escola.

Lembro como se fosse hoje, decorei o papel da minha amiga numa peça de teatro para o dia das mães, minha colega se acidentou e não pode mais ensaiar, me apresentei pedi pra fazer o papel, mas a professora que dirigia a apresentação me vetou, pois eu era escurinha e minha mãe não teria condições de fazer o vestido para o evento, ou seja, eu era pobre e preta.

Obs: Minha mãe era uma costureira muito conhecida na cidade, além de roupas do dia a dia, ela confeccionava vestidos de noivas, inclusive costurava para professora, responsável pela apresentação.

Chorei por dias e apanhei para ir à festa.

Tudo isso me afetou muito, acho que fiquei com dislexia ou escrita de espelho, ou escrita reversa, às vezes escrevo de trás pra frente, aí só com um espelho para entender o que escrevi, vou exemplificar: EJOH, ou seja, HOJE. O fato é que nunca procurei um médico ou psicólogo para um diagnóstico. Perguntei a minha mãe se na família havia alguém com o mesmo problema/habilidade, e fiquei surpresa, pois segundo ela, meu bisavô era ambidestro e era muito habilidoso na vaquejada, pois carregava o chicote na mão

esquerda e o laço na mão direita e a rédea na boca, o boi não ficava perdido por muito tempo, ele laçava e recolhia e tocava viola com a mão esquerda.

Em Brasília acabou o meu tormento.

Quando mudei para o DF eu já estava cursando a quinta (5^o) série do primeiro grau, hoje ensino fundamental II, encontrei alívio, achei uma professora (Tereza) que me acolheu e teve paciência de me ouvir e me ajudou a organizar meus pensamentos, ordenar minhas ideias, com jogos e atividades extraclasse. Foram quatro anos de ajudas aprendi a lidar com o problema, ela me incentivou a ler livros, revistas, gibis, jornais.

A partir daí minha vida escolar foi outra, posso dizer que a professora e o lúdico me salvaram.

O segundo grau, atual ensino médio foi muito tumultuado, fui praticamente emancipada, tinha que tomar conta de mim, seguir horário. Junto com o segundo grau fiz um curso profissionalizante “auxiliar de operacional serviços diversos - enfermagem (AOSD)”, a realidade desses dois cursos eram bem distintas. O segundo grau em uma instituição particular onde alunos se achavam melhores que os professores e funcionários da escola, material didático focado para o vestibular e o outro curso público mais humanizado com conteúdo voltado para ajudar ao próximo, ao “paciente”.

Foi uma fase difícil, hormônios à flor da pele, mudança de escola. Eu vinda de escola pública para a particular, como praxe nos anos 80, pois os pais queriam que os filhos entrassem na UnB e virassem doutores, quase desisti dos estudos.

Eu só havia visto inglês na sétima série, chego numa escola onde meus novos colegas tinham passado as férias na Disney e falavam inglês fluentemente. Ficava para recuperação em quase todas as matérias, mesmo devorando os livros, estudando dia e noite, não conseguia acompanhar a turma.

Virei cliente assídua das bibliotecas, com ajuda de amigos e dois professores que viam meu esforço me davam aulas de reforço no turno contrário, logo peguei o ritmo de estudo e consegui concluir o segundo grau, mas não consegui passar na UnB, pois zerava em inglês. Como eu sabia? Comparava as provas com meus colegas. Passei na UPIS para Economia Doméstica, atualmente nutrição, mas não pude fazer a faculdade por falta de verba.

Casei e passei vinte e seis anos longe da escola presencial, mas criando e educando meus filhos, ajudando-os nas tarefas da escola, vez ou outra pegava um livro, mas tomei gosto mesmo pelas revistas com conteúdos de conhecimentos gerais e jornais escritos e televisivos. Recentemente me divorciei nesse período me vi sem muito que fazer, fiquei com a sensação de vazio, inútil, meus filhos estavam grandes e cada um tomando seu rumo, então procurei um novo rumo pra minha vida também, e fui buscar a escola, quer dizer fui buscar uma graduação, um recomeço.

Fiz o Enem e passei, não peguei em nenhum caderno, nem livro, cursinho ou usei internet para estudar. Não me preparei pra fazer o Enem, minha intenção era fazer avaliação de conhecimentos, e para minha surpresa fui aprovada.

Foi incrível retornar a faculdade ela me mostrou que não existe uma verdade absoluta, pelo contrário, ela muitas vezes é momentânea e atende a interesses. Isso me levou a pensar em Sócrates e Platão com “O mito da caverna”. Eu “saí da minha caverna”, estou buscando um novo caminho, uma profissão. Saliento momento que minha educação do Jardim de infância até terceiro ano do segundo grau foi tradicionalista, a disciplina Filosofia só conheci aqui na Faculdade de Educação.

Encontrei muitas dificuldades, pois tenho que ler e reler várias vezes os textos pra entendê-los, para piorar os textos são recortes de livros. Sem falar os textos que são ofertados através da copiadora, que na maioria das vezes vêm rasurados, borrados ou incompletos. Por via links, eu gosto menos ainda, gosto de papel, pegar, sentir o papel em minhas mãos, ler e anotar dúvidas, sublinhar o que me chama atenção.

Tive dificuldades também ao escrever, de repente me vi obrigada a fazer textos de acordo com as normas da ABNT, mas a Faculdade de Educação não oferece nenhuma aula sobre o assunto, só vamos ter acesso a esses conhecimentos, quase no final do curso no sétimo ou oitavo semestre com a disciplina “Seminário sobre trabalho final de curso”.

As leituras que mais me chamaram atenção foram História da Educação Brasileira, Escolarização de Surdos e Psicologia. Bem... “psicologia” nem tanto, pois só encontrei professores tipo “MADRE SUPERIORA”, não tinham ou tiveram habilidades, nem amor, paciência pra ensinar.

Mas no primeiro semestre de 2016, fiz a disciplina “Oficina do professor leitor e escritor”. A professora Maria Alexandra Militão conduziu tão bem a disciplina que me

proporcionou uma nova relação com as palavras, que permitiu - me repensar e refletir na minha escrita.

Esta professora Maria Alexandra Militão nos permitiu voar, criar, transcender os muros do formalismo e expulsar o policial feroz da censura que nos foi imposta e que alimentamos ao decorrer das nossas vidas escolares. Mas confesso. O ato de escrever ainda continua sendo um problema, doloroso escrever, meu punho dói, sinto falta de algo, talvez da minha mão esquerda.

Mas como tudo na vida tem seu lado ruim e bom, adorei voltar a estudar, e um tema que chamou minha atenção no curso foi relacionado à Educação Inclusiva, na disciplina Educando com Necessidades Educacionais Especiais, pois a disciplina dá uma pincelada nas mais diversas necessidades educacionais apresentadas pelos nossos estudantes, tais como Síndrome Down, Autismo, Cegueira, Surdez, etc.

Nessa disciplina fiz um seminário sobre Síndrome de Down, mas foi o seminário apresentado por meus colegas sobre surdez que eu mais gostei. Meu interesse pela surdez aumentou ainda mais quando fiz a disciplina de “Escolarização de Surdos e Libras”. Essa disciplina foi o divisor de águas para eu entender o que de fato me trouxe a Faculdade de Educação e o porquê eu escolhi este curso. Cada texto, filme e o depoimento de um rapaz surdo, apresentado pela professora Liége Gemelli Kuchenbecker, abriram um novo horizonte pra mim, uma curiosidade de conhecer a cultura surda, aprender libras e seus sinais. Fez-me lembrar de que na infância, eu tive contato com uma moça surda, mas minhas lembranças são vagas. Sei que ela era muito carinhosa e brincava conosco e fazia muitos gestos que ao longo do tempo eu comecei a entender, mas não sei dizer o que aconteceu com ela. Através do depoimento de um rapaz surdo que a professora levou na sala, pude ver que a história dele também era parecida com a minha. Amarravam as mãos dele para que ele parasse de gesticular ou se comunicar em Libras e eu para não escrever com a mão esquerda, pois, era ambidestra na infância.

Isso me fez refletir sobre os mecanismos disciplinares usados na minha escola e ver que de um modo geral, sempre tem um sujeito querendo impor suas vontades sobre o outro, sem levar em conta que cada indivíduo tem seu próprio tempo de amadurecimento, vontade própria e singularidade.

Esse tema ou questionamento me acompanhou durante o trajeto aqui na Faculdade de Educação, e durante a primeira reunião do projeto 04, com a professora Edeilce Aparecida Santos Buzar, numa conversa sobre histórias de vida de cada aluno que se apresentava, relatei sobre o acontecido comigo na escola na infância e sobre o que eu tinha vontade de pesquisar na minha monografia, ela disse que minha monografia poderia ser voltada para surdos.

Instigava-me muito saber o quê? E como? Um ato de um docente podia afetar melhorar ou piorar a vida de um educando. Quando o rapaz surdo descreveu como amarraram suas mãos na escola para que ele não gesticulasse, lembrei – me da minha professora no jardim de infância. No Filme “MEU NOME É JONAS”, a mãe de Jonas não mediu esforços, queria ver seu filho comunicando, levando uma vida como todo mundo, e foi em busca de instituições de ensino para surdos. Seu dilema iniciou quando deparou com dois principais métodos de educação. A primeira instituição praticava o oralismo, consistia em ensinar as crianças a falar, ler lábios, para que pudessem se comunicar. Neste método, os sinais manuais eram proibidos, e as mãos dos alunos eram amarradas, pois segundo a educadora do filme, “tornavam as crianças preguiçosas para aprender a falar”. O segundo, a língua de sinais, consistia em utilizar sinais manuais para representar as palavras.

Percebe-se que tanto a história do depoente, quanto o filme encontra-se relacionado com a minha vida escolar. Estava aí o meu objeto de pesquisa para a confecção deste TCC, sob a orientação da professora Edeilce, tudo ficou mais claro e ficou relativamente “fácil” realizar este trabalho.

1-INTRODUÇÃO

A inclusão dos surdos é um grande desafio para todos os professores e profissionais ligados à educação. O maior desafio é fazer da escola que temos uma escola inclusiva, pois uma escola inclusiva deve oferecer ao aluno surdo possibilidades reais de aprendizagem, caso contrário, estará realizando um trabalho inconsistente.

O presente trabalho constitui-se numa pesquisa qualitativa de caráter exploratório, desenvolvido em uma escola pública de ensino regular do Distrito Federal, que é Polo de D.A. O objetivo dessa pesquisa é compreender o que significa ser uma escola- polo de D.A para conhecer os processos de inclusão de alunos surdos, as estratégias pedagógicas desenvolvidas e a interação aluno/aluno no contexto de uma escola-polo de D.A, que recebe alunos com diversas especificidades.

Na construção desse trabalho, inicialmente buscou-se conhecer teoricamente o tema “Escola classe Polo de D.A” e investigou-se também como essa escola atua na educação dos alunos surdos possibilitando assim, construir o projeto de pesquisa prática. Para ilustrar e descrever este contexto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas que permitiram estabelecer uma análise crítica de estudos divulgados por distintos autores publicados em livros, artigos e sites, de forma impressa e digital. E a partir da pesquisa bibliográfica, realizou-se também uma pesquisa de campo na qual foram elaboradas entrevistas dirigidas a professores que atuam com alunos surdos e a um intérprete de LIBRAS com o objetivo de identificar suas percepções em relação à escola classe polo D.A.

O trabalho dividiu-se em quatro capítulos organizados da seguinte forma: No primeiro capítulo apresento meu memorial no qual estão descritas minhas memórias educacionais até o presente momento, acontecimentos que influenciaram minha constituição pessoal, escolha acadêmica e profissional. O segundo capítulo apresenta uma breve problematização teórica sobre a educação de surdos ao longo da história encontra-se dividida em Idade Antiga, Idade Média, Idade Contemporânea e Educação de Surdos no Brasil. O terceiro capítulo trata da Educação Inclusiva e explana sobre a Escola-Polo, mostrando as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos.

No quarto capítulo encontra-se a metodologia que discorre sobre o tipo de pesquisa realizada e como é construído um estudo de caso. Há informações sobre instrumentos utilizados, o campo de pesquisa e os sujeitos pesquisados. Apresenta também os resultados construídos por meio da análise de episódios, observações e entrevistas realizadas com os profissionais da educação que atuam no polo de D.A . Nas Considerações Finais relato as questões norteadoras conclusivas do estudo de caso, fazendo uma reflexão sobre a importância do professor em relação à educação de aluno, a escola adequada às necessidades dos alunos surdos e a relevância da preparação dos futuros pedagogos. E por último exponho as minhas perspectivas em relação ao futuro.

2- PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA: EDUCAÇÃO PARA SURDOS

“O que é o corpo, se não o limite físico da alma.”
(RIBEIRO, Mariza J, 2017)

Somos donos do nosso destino ou somos levados a crer que o temos em nossas mãos? Somos livres ou vivemos debaixo de regras impostas pela sociedade? As regras que nos foram apresentadas e que aceitamos sem questionar, por que supomos que são perfeitas e definitivas?

As dúvidas são muitas quando paramos para pensar na nossa existência como pessoas de direito e deveres. As leis parecem tão claras e honestas, parecem perfeitas e fáceis de aplicar. O homem ao longo de sua existência teve que passar por diversas experiências para que, agora nesse momento, início do século XXI, pudesse ter uma qualidade de vida relativamente melhor, mas o que vemos é exatamente o contrário, a luta pelo poder é cada vez mais acirrada e em nome desse poder, vale tudo.

O homem continua querendo fazer valer sua vontade, seu ponto de vista, impor sua cultura, seu modo de produção sobre aqueles que lhe parecem inferiores. Querem controlar tudo e a todos que julgam não estar de acordo com suas normas, ou podemos dizer todos àqueles que fogem ao padrão.

As carnificinas, os roubos, a escravidão, estão em todos os cantos, a corrupção é às claras, o homem parece esquecer, ou não quer se lembrar dos acordos, das regras de conduta que a sociedade tanto preza. Se compararmos os suplícios a que eram submetidos os condenados nos séculos anteriores e as atrocidades cometidas nas guerras entre povos, veremos que pouco ou nada mudou.

Durante séculos o homem vem refinando seus mecanismos disciplinares, coagindo, vigiando e aplicando sanções cada vez mais sutis. Foi uma longa jornada para chegar à sociedade de hoje, que julgou um dia, que pudesse ser “mais iluminada”, sempre esperamos que o futuro seja melhor. Do homem que no princípio vivia em pequenos grupos, colhendo frutos silvestres e brigando por território de caça até aqueles autos executivos das bolsas de valores, todos viviam e vivem sobre uma sociedade cheia de regras, padrões, normas a ser obedecidas, respeitadas e acima de tudo seguidas. Com intuito de dominar e fazer com que

seus “dominados”, aceitem esse domínio sem questionar e tudo isso para manter o *status quo*.

E como conseguir fazer com que uma nação aceite tudo sem questionar, como conseguir que todos tenham a mesma visão?

Segundo Foucault,

A penalidade, a vigilância e o controle seriam então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles (FOUCAULT, 1987, p. 230).

Não havia e não há limites para se conseguir e manter o poder. Há um sistema tradicional, hierárquico, sendo alimentado diariamente pelo Estado que necessita de um cidadão servil e obediente, das religiões que pregam o medo do fogo do inferno para manter o fiel cativo e submisso, pagando em dia o dízimo, famílias ao não aceitarem seus filhos com suas especificidades seja de cunho físico/psicológico e/ou comportamental, e tentam desesperadamente fazer com que esses filhos se enquadrem nessa sociedade que rotula e classifica, onde quem foge ao padrão é excluído.

Foucault analisa a constituição histórica das relações de poder em seu caráter produtivo e eficaz em obras fundamentais como *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*, v. 1. Nelas, questiona a concepção filosófica moderna do sujeito constituinte e a substitui pela compreensão do sujeito como algo constituído historicamente de forma simultânea à constituição das práticas e dos discursos que se multiplicaram nas diversas instituições sociais nascentes, a partir do século XVII, tais como o hospital, o quartel, a fábrica, a escola, etc.

Como criar, fabricar indivíduos obedientes, subservientes em grande quantidade? Com a revolução industrial tudo muda. O modo de produção muda, o trabalho necessita de mão de obra especializada, cria-se “cursos”, nota-se que criando regras, rotinas e controle de tempo à produção aumenta ganha-se mais. Há necessidade de mais e mais trabalhadores especializados e doutrinados para fabricar e consumir cada vez mais.

O disciplinamento, de acordo com Foucault, viabilizou a modernidade. E visa não somente aumentar as habilidades do corpo, mas aprofunda sua sujeição, assim como também os formata dentro da relação que o torne obediente e útil.

Como afirma Foucault (1997, p. 119), “dissociar o poder do corpo; faz dele por lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita.”.

Qual o local mais propício para tamanha tarefa, se não escola? Esta foi e é a instituição mais importante para a modernidade, pois tem espaço mais eficiente para a educação, a vigilância, o controle, o disciplinamento e o enquadramento dos sujeitos, principalmente durante a infância.

A constituição das instituições disciplinares efetiva-se na passagem do século XVIII para o XIX, quando essas instituições assumem a configuração de espaços nos quais se utilizam métodos que permitem um controle minucioso sobre o corpo dos indivíduos por meio dos exercícios de domínio sobre o tempo, espaço, movimento, gestos e atitudes para produzir corpos submissos, exercitados e dóceis (FOUCAULT, 1987, p.194).

Mas nem todo cidadão tinha acesso à escola, por séculos a escola só atendia aos filhos de nobres, fidalgos e o clero. Estes estavam sempre à frente, pois a educação era responsabilidade da Igreja Católica, somente meninos sadios, considerados normais recebiam educação formal, às meninas só eram ensinadas atividades domésticas. Os escravos e qualquer outra pessoa com especificidades eram excluídas.

No Brasil não foi diferente, éramos uma colônia de Portugal, então coube à igreja, através da ordem jesuíta, implantar todo o sistema educacional na Colônia, o que serviu de suporte para o desenvolvimento educacional do Brasil.

A história da educação sempre esteve permeada por interesses, e desta forma foi direcionada de modo geral à classe dominante economicamente. Esta classe teve acesso ao ensino mais cedo, permanecendo neste caminho por um tempo muito maior do que a grande massa da população, que quando conseguiu adentrar a escola e ter acesso ao conhecimento historicamente acumulado e sistematizado, têm que rapidamente deixá-lo, para angariar seu sustento no mundo do trabalho, aqui no Brasil como no restante do mundo, o objetivo era e é salvaguardar a hegemonia dessas classes.

Estamos falando na educação de homens brancos, ditos “normais”, da classe dominante. E a educação das mulheres e pessoas com deficiência? A Educação Feminina e recente, durante séculos foi considerada inferior e subordinada ao homem. Sua educação era direcionada para cuidados da casa e dos filhos, conseqüentemente eram afastadas da educação formal.

Segundo Áries, “a ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens”. (ARIES, 1981, p.190) “Além da aprendizagem doméstica as meninas não recebiam, por assim dizer, nenhuma educação. Nas famílias em que os meninos iam ao colégio, elas não aprendiam nada.” (ARIES, 1981, p. 190).

Houve um período da história em que isso começou a mudar. Com as guerras constantes, as mulheres tiveram que trabalhar fora para sustentar suas famílias enquanto seus maridos, pais e/ou filhos estavam em combate.

Esta ideologia, conhecida nos tempos modernos de “machismo”, permaneceu por muito tempo, e sempre a mulher aceitava esta posição devido à cultura patriarcal (Mallard; 2008).

Mas ainda estamos falando de pessoas ditas “normais”, que tem possibilidades de se superar e surpreender, pois não enfrentam nenhuma dificuldade na linguagem/audição, motora ou intelectual, ou seja, tem a possibilidade de lutar, reclamar seus direitos, se fazer ouvir. Bem... se mulheres, escravos sem nenhum comprometimento físico ou intelectual eram tratadas como seres inferiores, uma pessoa com necessidades especiais não tinha valor algum nesse contexto.

Na Antiguidade crianças com necessidades educacionais especiais eram sacrificadas ou abandonadas para morrer. A ciência nos diz que tanto fatores externos e ou internos, podem prejudicar a formação do feto, muitos nascem com especificidades que se nota ao nascer, exemplo, uma criança com síndrome de Down, mas sabemos também que raramente percebemos logo de imediato quando uma criança nasce com algumas especificidades intelectual ou física como a cegueira, surdez, autismo, etc. Só com o desenvolvimento físico da criança percebemos suas especificidades.

Quero falar de uma “especificidade” que chamou minha atenção durante minha graduação, à **surdez**. Historicamente, a educação de surdos está relacionada com a falta de audição e por consequência a suposta falta de capacidade de aprendizagem. Eram considerados inúteis, por tanto um incômodo para a sociedade e não recebiam nenhum tipo de educação até o século XVI. Essa realidade foi mudando lentamente ao longo dos séculos e os surdos, antes rejeitados, passaram a ser vistos como pessoas dignas de pena e começaram a receber ajuda de religiosos e instituições.

“Na antiguidade, os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonadas ou sacrificadas” (GOLDFELD, 1997, p. 24).

Selecionei fatos da história para nos ajudar a entender como se deu a trajetória da educação de surdo através do tempo. Para isso tomei como base o texto “Um pouco mais da história da educação dos surdos de Ferdinand Berthier”².

2.1 - IDADE ANTIGA ESCRITA

Em Roma os surdos eram considerados pessoas amaldiçoadas e por castigo dos deuses, eram abandonados ou jogados no Rio Tiber. Se conseguissem se salvar, viravam escravos.

Na Grécia, eram considerados inválidos tratados como bichos, pois para eles o pensamento se dava mediante a fala. Eram condenados à morte, jogados de topo de rochedos, ou jogadas em rios, as que conseguiam sobreviver viviam miseravelmente como escravos ou abandonados.

Por outro lado, no Egito e Pérsia os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, pois acreditava-se que eles comunicavam-se com os deuses. Eram adorados e respeitados, mas não recebiam educação. Os filósofos da antiguidade se manifestaram da seguinte forma sobre a surdez.

Hipócrates, pai da Medicina, acreditava que os fluidos formados no cérebro escoavam pelo canal auditivo e formavam purulência no ouvido. Heródoto classificava os surdos como “seres castigados pelos deuses”.

De acordo com Platão, Sócrates perguntou ao seu discípulo Hermógenes: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do

²http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf.

corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.c.).

E Aristóteles acreditava que quando não se falava, não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdos-mudos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar.

2.2 - IDADE MÉDIA

Na Idade Média, muitos surdos não recebiam tratamento digno, eram queimados em imensa fogueira, pelas mãos poderosas da inquisição. Eram proibidos de receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitidos aqueles que recebiam favor do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos.

No final da Idade Média e no início da Idade Moderna, novos horizontes começaram para os surdos. Se antes eram desprezados e tidos como incapazes, passaram a contar com assistência, benevolência e institucionais. Os surdos passaram a ser vistos como objeto de evangelização e de uma educação.

Nesse sentido, o médico filósofo Girolamo Cardano (1501-1576), reconheceu a habilidade do surdo para a razão, afirmava que “... a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita... e que era um crime não instruir um surdo-mudo.” Ele utilizava a língua de sinais e escrita com os surdos.

Outra experiência educacional com surdos é a desenvolvida pelo Abade Pedro Ponce de Leon, monge, beneditino (1510-1584), da Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid. Inicialmente ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis; O método usado por Leon foi eficaz, pois Francisco pode receber a herança como marquês de Berlanga e Pedro se

tornou padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia a datilologia, escrita e oralização.

Criou uma escola para surdos, mas ele não publicou nada a respeito de sua metodologia, assim, depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento porque a tradição na época era guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos. No entanto, Fray de Melchor Yebra, de Madrid, escreveu livro chamado “Refugium Infirmorum”, que descreve e ilustra o alfabeto manual da época.

Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação com outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, através de sinais, treinamento da fala e o uso de alfabeto datilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”. O Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos, apresentando seu método oral, “*Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*” no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

Outra publicação interessante é a de John Bulwer (1614-1684) “*Chirologia e Natural Language of the Hand*”, que valorizava a utilização de alfabeto manual, língua de sinais e leitura labial, ideia defendida por George Dalgarno anos mais tarde. John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos icônicos.

Também o médico suíço Johan Conrad Ammon (1669-1724), publicou método pedagógico da fala e da leitura labial: “*Surdus Laquens*”.

Outro professor Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), na França, oralizou a sua irmã surda e utilizou o ensino de fala e de exercícios auditivos com os surdos.

Mas, o pai do Oralismo ou Método Oral, como ficou conhecido posteriormente, foi o alemão Samuel Heinicke (1729-1790), que iniciou as bases da filosofia oralista, a qual era atribuído um grande valor à fala. Samuel Heinicke publicou uma obra “*Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra*” e fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig. Inicialmente a sua escola tinha 9 alunos surdos.

Concomitante ao trabalho pedagógico que vinha sendo desenvolvido na Alemanha por Samuel Heinecke, na França, o abade Charles Michel de L’Epée (1712-1789) conheceu irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos e mantinha contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris. L’Epée procurou

aprender a língua usada pelos moradores da região e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Começou a ministrar aulas para os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominada de “Sinais metódicos”. Recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas, entre eles, o Samuel Heinicke. O Abade Charles Michel de L’Epée fundou a primeira escola pública para os surdos “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris” e treinou inúmeros professores para surdos e publicou a respeito do ensino de surdos por meio do seu método. “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”.

Samuel Heinecke escreveu uma carta à L’Epée, onde enaltecia seu método. Segundo Heinicke, “meus alunos são ensinados por meio de um processo fácil e lento de fala em sua língua pátria e língua estrangeira através da voz clara e com distintas entonações para a habitação e compreensão”.

Em 1760, Thomas Braidwood abre a primeira escola para surdos na Inglaterra, ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial.

2.3 - IDADE CONTEMPORÂNEA

Em 1789, o abade Charles Michel de L’Epée morre. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.

Em 1802, Jean Marc Itard, afirmava que o surdo podia ser treinado para ouvir palavras, baseado no seu trabalho com Victor, o “garoto selvagem” (o menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França), considerando o comportamento semelhante à um animal por falta de socialização e educação, não obteve sucesso com o “selvagem” em relação à língua francesa, mas influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos.

Em 1814, Hartford, nos Estados Unidos, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) observava as crianças brincando no seu jardim quando percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada

pelas demais crianças. Gallaudet ficou profundamente tocado pelo mutismo da Alice e pelo fato de ela não ter uma escola para frequentar, pois na época não havia nenhuma escola para surdos nos Estados Unidos. Gallaudet tentou ensinar-lhe pessoalmente e juntamente com o pai da menina, o Dr. Masson Fitch Gogswell, pensou na possibilidade de criar uma escola para surdos.

Nesse sentido, Gallaudet parte à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na Inglaterra, o Gallaudet foi conhecer o trabalho realizado por Braidwood, na escola “Watson’s Asylum”, mas Braidwood se recusou em ensiná-lo. Então, Gallaudet partiu para a França onde conheceu o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard, desenvolvido por L’Epée.

Thomas Hopkins Gallaudet volta trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Durante a longa viagem de volta aos Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet que por sua vez, lhe ensinou o inglês.

Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc fundou em Hartford, em 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos: “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. O método usado na escola levou à abertura de outras escolas para surdos nos Estados Unidos, onde quase todos os professores eram surdos e usavam a língua de sinais.

Nessa retrospectiva histórica, vale à pena também conhecermos Alexander Melville Bell, professor de surdos e pai do célebre inventor de telefone Alexander Graham Bell, inventou um código de símbolos chamado “Fala visível” ou “Linguagem visível”, sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor.

Em 1872, Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston, publicou um livreto sobre o método “O pioneiro da fala visível”, dando continuação ao trabalho do pai. Em 1873, Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hubbard com quem se casou no ano de 1877.

Outra experiência educacional marcante na história da educação de surdos ocorreu em 1880, quando foi realizado o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão –

Itália, no qual o Método Oral foi votado como o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos. Assim, a língua de sinais foi proibida oficialmente, pois os ouvintes da época acreditavam que a mesma destruía a capacidade da fala dos surdos. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. O congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo. Todos os professores surdos foram impedidos de votar.

A tabela abaixo apresenta uma síntese visual do processo histórico a que esteve submetido os estudantes surdos:

Tabela 1: Análise histórica da educação de surdos

Idade Antiga	<p>Roma: Surdos eram considerados pessoas amaldiçoadas, castigo de Deus ou jogadas no Rio Tiber.</p> <p>Grécia: Surdos eram considerados inválidos, tratado como bichos, pois para os Cretenses o pensamento se dava mediante fala. Eram condenados à morte, jogados em despenhadeiros ou rios, se sobrevivessem viravam escravos.</p> <p>Egito e Pérsia: Surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, pois acreditavam-se que os surdos comunicavam-se com os deuses, mas não recebiam educação.</p> <p>Os filósofos se manifestavam assim:</p> <p>Hipócrates achava que fluidos formados no cérebro danificavam o canal auditivo.</p> <p>Heródoto classificava os surdos como “seres castigados pelos deuses”.</p> <p>Platão e Sócrates: De acordo com Platão, Sócrates perguntou ao seu discípulo Hermógenes: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.c.).</p> <p>Aristóteles acreditava que quando não se falava não se possuía linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento...”,</p>
--------------	--

	<p>portanto, os nascidos surdos-mudos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar.</p>
Idade Média	<p>Na Idade Média, muitos surdos não recebiam tratamento digno, eram queimados em uma imensa fogueira pelas mãos poderosas da inquisição. Eram proibidos de receber a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados e também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitidos aqueles que recebiam favor do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos.</p> <p>No final da Idade Média os surdos passaram a contar com assistência, benevolência e institucionais. E passam a ser vistos como objeto de evangelização e de educação.</p> <p>O médico filósofo Girolamo Cardano (1501-1576), reconheceu a habilidade do surdo para a razão, afirmava que “... a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita... e que era um crime não instruir um surdo-mudo.” Ele utilizava a língua de sinais e escrita com os surdos.</p> <p>Pedro Ponce de Leon, monge, beneditino (1510-1584), da Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid, ensinando latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis; O método usado por Leon foi eficaz, pois Francisco pode receber a herança como marquês de Berlangar e Pedro se tornou padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia a datilologia, escrita e oralização. Criou uma escola para surdos, mas ele não publicou nada a respeito de sua metodologia, assim, depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento porque a tradição na época era guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos.</p> <p>Fray de Melchor Yebra, de Madrid, escreveu livro chamado “Refugium Infirmorum”, que descreve e ilustra o alfabeto manual da época.</p>

Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação com outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, através de sinais, treinamento da fala e o uso de alfabeto datilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”. Publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos, apresentando seu método oral, “*Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*” no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

John Bulwer (1614-1684) Publicou um livro chamado “*Chirologia e Natural Language of the Hand*”, que valorizava a utilização de alfabeto manual, língua de sinais e leitura labial, ideia defendida por George Dalgarno anos mais tarde. John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos icônicos.

O médico suíço **Johan Conrad Ammon** (1669-1724), publicou método pedagógico da fala e da leitura labial: “*Surdus Laquens*”.

O professor **Jacob Rodrigues Pereire** (1715-1780), na França, oralizou a sua irmã surda e utilizou o ensino de fala e de exercícios auditivos com os surdos.

O pai do Oralismo ou Método Oral, como ficou conhecido posteriormente, foi o alemão **Samuel Heinicke** (1729-1790), que iniciou as bases da filosofia oralista, a qual era atribuída um grande valor à fala. Samuel Heinicke publicou uma obra “*Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra*” e fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig. Inicialmente a sua escola tinha 9 alunos surdos.

Concomitante na França, o abade **Charles Michel de L’Epée** (1712-1789) conheceu irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos e mantinha contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris. L’Epée procurou aprender a língua usada pelos surdos da região e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a educação de surdos. Começou a ministrar aulas para os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominada de “Sinais metódicos”. Recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas, entre

	<p>eles, o Samuel Heinicke. L'Épée: fundou a primeira escola pública para os surdos “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris”. Treinou inúmeros professores para surdos e publicou a respeito do ensino de surdos por meio do seu método. “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”.</p> <p>Thomas Braidwood abriu a primeira escola para surdos na Inglaterra, ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial.</p>
Idade Contemporânea	<p>O Abade Charles Michel de L'Épée morre. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.</p> <p>1802, Jean Marc Itard, afirmava que o surdo podia ser treinado para ouvir palavras, baseado no seu trabalho com Victor, o “garoto selvagem” (o menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França), considerando o comportamento semelhante a um animal por falta de socialização e educação, não obteve sucesso com o que ficou conhecido por “menino selvagem” em relação à língua francesa, mas influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos.</p> <p>1814, Hartford, nos Estados Unidos, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) observava as crianças brincando no seu jardim quando percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada pelas demais crianças. Gallaudet ficou profundamente tocado pelo mutismo da Alice e pelo fato de ela não ter uma escola para frequentar, pois na época não havia nenhuma escola para surdos nos Estados Unidos. Gallaudet tentou ensinar-lhe pessoalmente e juntamente com o pai da menina, o Dr. Masson Fitch Gogswell, pensou na possibilidade de criar uma escola para surdos.</p> <p>Nesse sentido, Gallaudet parte à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na Inglaterra, o Gallaudet foi conhecer o trabalho realizado por Braidwood, na escola “Watson's Asylum”, mas Braidwood se recusou em ensiná-lo. Então, Gallaudet partiu para a França onde</p>

	<p>conheceu o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard, desenvolvido por L'Epée.</p> <p>Thomas Hopkins Gallaudet volta trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Durante a longa viagem de volta aos Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet que por sua vez, lhe ensinou o inglês, juntos fundaram em Hartford, em 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos: “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. O método usado na escola levou à abertura de outras escolas para surdos nos Estados Unidos, onde quase todos os professores eram surdos e usavam a língua de sinais.</p> <p>Alexander Melville Bell, professor de surdos e pai do célebre inventor de telefone Alexander Graham Bell, inventou um código de símbolos chamado “Fala visível” ou “Linguagem visível”, sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor.</p> <p>Em 1872, Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston, publicou um livreto sobre o método “O pioneiro da fala visível”, dando continuação ao trabalho do pai. Em 1873, Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hulbard com quem se casou no ano de 1877.</p> <p>1880 foi realizado o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, no qual o Método Oral foi votado como o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos. Assim, a língua de sinais foi proibida oficialmente, pois os ouvintes da época acreditavam que a mesma destruía a capacidade da fala dos surdos. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. O congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo e todos os professores surdos foram impedidos de votar.</p>
--	---

2.4- A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A Educação brasileira de surdos começou em 1855, com Eduardo Huet, professor surdo com experiência de mestrado e cursos em Paris, que veio ao Brasil trazido pelo imperador D. Pedro II, com a intenção de abrir uma escola para pessoas surdas. Fundou a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criada pela Lei nº 839 no dia 26 de setembro. Foi nesta escola que surgiu da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Em 1957 Por decreto imperial, Lei nº 3.198, de 6 de julho, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos” passou a chamar-se “Instituto Nacional de Educação dos Surdos” – INES. Nesta época Ana Rímola de Faria Doria assumiu a direção do INES com a assessoria da professora Alpia Couto, elas proibiram a língua de sinais oficialmente nas salas de aula, mas os alunos surdos continuaram a usar a língua de sinais nos corredores e nos pátios da escola.

Em 1970, a professora Ivete Vasconcelos voltou de um Congresso realizado na Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, trazendo o método da Comunicação Total.

Outro marco na educação de surdos no Brasil foi à criação em 1977 Foi criada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos) compostas só por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez.

Em 1987, a FENEIDA passou a ser denominada FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro. A FENEIS conquistou a sua sede própria no dia 8 de janeiro de 1993, no Rio de Janeiro – Brasil.

O que notamos é que aproximadamente cinco séculos depois, vários teóricos continuam debatendo a questão da linguística no contexto da surdez. Se este deviam ou não desenvolver a linguagem oral ou uso de sinais. No Brasil, as experiências ainda são recentes; os estudos iniciaram-se na década de 1990, quando se iniciaram as discussões relativas à linguagem dos surdos, bem como o desenvolvimento de práticas educativas.

Nós ouvintes sempre nos colocamos à frente dos surdos, tomando atitudes por eles, considerando – os como pessoas incapazes, com isso criou – se o poder ouvintista.

Segundo Skliar (1998, p. 15), esse termo se refere “às representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos (...) a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. Com esse termo, faz-se uma analogia ao colonialismo - colonialista.

Da mesma forma, podemos compreender essa relação desigual, na qual os ouvintes querem dominar os surdos, como um mecanismo disciplinar, desenvolvido por Foucault em suas teorias. Há uma busca incansável pelo disciplinamento, pelo controle dos corpos, buscando-os torná-los mais próximos do que se acredita ser o “normal”.

Isso fica evidente nas principais filosofias educacionais voltadas para educação de Surdos no Brasil e no mundo, as mais utilizadas foram o Oralismo, Comunicação total e bilinguismo.

Após o Congresso de Milão de 1880, a língua de sinais foi banida completamente na educação de surdos impondo ao povo surdo o oralismo. Devido à evolução tecnológica que facilitava a prática da oralização pelo sujeito surdo, o oralismo ganhou força a partir da segunda metade do século XIX.

Em linhas gerais, podemos dizer que o “Oralismo” é um método de ensino, para surdos, no qual se defende que a maneira mais eficaz de ensiná-lo seja por meio da língua oral. E esse método foi imposto no Congresso de Milão e esteve em evidência até 1970, quando surgiu a Comunicação total. O mais importante defensor do oralismo foi Graham Bell.

O Oralismo, ou filosofia oralista, usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o Português). O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva. (GOLDFELD, 1997, pp. 30 e 31).

Outra filosofia educacional para surdos é a Comunicação total, que utiliza os gestos naturais, da língua de sinais, alfabeto digital, expressão facial, fala e aparelhos de amplificação sonora para transmitir a linguagem, ou seja, é permitido utilizar todos os

recursos como facilitadores de comunicação com as pessoas surdas. Também conhecida como Bimodalismo.

E por último, a abordagem educacional para surdos, o Bilinguismo faz uso da LIBRAS (L1) como primeira língua (considerada língua materna das pessoas surdas) e L2 português como segunda língua. O objetivo é fazer com que o surdo desenvolva habilidades em sua língua primária de sinais e secundária a escrita.

Eles passam a usar a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua majoritária como segunda língua (L2). A essa filosofia de educação dá-se o nome de bilinguismo (GUARINELLO, 2007).

Em face do que foi exposto, podemos afirmar que no Brasil a educação de surdos sofre influência de outros países e somente nos anos 80, começam os estudos sobre a língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tendo como base as pesquisas de professora Lucinda Ferreira Brito, que propôs a abreviação “LIBRAS” para a língua de sinais no Brasil.

Nesse contexto, a lei de diretrizes e bases (LDB) n° 9394/96, traz um feito inédito, apresenta um artigo específico sobre educação especial que reconhece o direito à diferença, ao pluralismo e à tolerância, e, com suas alterações, (art. 26 B), garante às pessoas surdas, em todas as etapas e modalidades da educação básica, nas redes públicas e privadas de ensino, a oferta da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na condição de língua nativa das pessoas surdas. Além disso, prevê, em seu artigo 59, § 2º, o Atendimento Educacional Especializado, o qual deverá ser “feito em classes, escolas ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular”.

Temos ainda a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5626/2005, que reconhecem e consideram a língua de sinais como língua oficial da comunidade surda e a língua portuguesa como segunda língua para os para os surdos. A legislação visa suprir a carência de direitos das pessoas surdas com relação à sua língua e sua educação e garantir que a Comunidade Surda tenha êxito no processo de escolarização.

Dessa forma, reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão dos surdos e garantiu a inserção da disciplina Libras como obrigatória nos cursos de licenciatura de nível superior e nos de fonoaudiologia, e de magistério de nível médio. Além dessa determinação, o Decreto estabeleceu prazos para as Instituições de Ensino

Superior, delinear como deve se dá a formação dos docentes para o ensino da disciplina e viabilizou a criação de programas para a criação de cursos de graduação para a formação de professores surdos e ouvintes para atuar na educação básica e no ensino superior, possibilitando uma formação bilíngue (Libras e Língua Portuguesa como segunda língua).

3 - A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ALUNO SURDO

Historicamente as pessoas surdas têm sido excluídas do espaço escolar devido à diferença linguística. Tal diferença faz com que os surdos fiquem em desvantagem tanto em relação aos professores, quanto aos colegas de sala, ficando em desvantagem também na aprendizagem e conseqüentemente sua inserção na sociedade fica mais difícil. E isso é reforçado por GÓES, (1996) “(...) em razão da defasagem auditiva, os sujeitos surdos enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos.”.

O ensino especializado para surdos é uma ideia atual. Segundo Araújo e Fonte (2009), da mesma forma que “a educação no Brasil esteve por séculos ligada a Igreja Católica, com a educação dos surdos não foi diferente, foram os abades, monges, padres que deram os primeiros passos na educação de surdos como afirmam”.

Por muitos e muitos anos os surdos foram atendidos em sua escolarização em instituições filantrópicas: institutos, associações, entre outras, mas, essa realidade foi mudando paulatinamente nas décadas de 60, 80 e 90, nas quais pudemos perceber avanços notáveis. É o caso da LDB nº 9394/1996:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em vigor tem um capítulo específico para a Educação Especial. Nele, afirma-se que “haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial”. Também afirma que “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a integração nas classes comuns de ensino regular”. Além disso, o texto trata da formação dos professores e de currículos, métodos, técnicas e recursos para atender às necessidades das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. <http://www.todospelaeducacao.org.br>

Logo, os alunos surdos têm direito ao ensino regular, mas a realidade tanto da escola, quanto dos professores, geralmente é essa e continuam despreparados para receber alunos com necessidades especiais.

O grande desafio é transformar a escola que temos, que segundo a constituição de 1988 é de todos é para todos, como nos lembra o sítio eletrônico “Todos pela Educação”³.

O artigo 208, que trata da Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos, afirma que é dever do Estado garantir “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Nos artigos 205 e 206, afirma-se, respectivamente, “a Educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho” e “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola”.
<http://www.todospelaeducacao.org.br>

Para fazermos uma inclusão com responsabilidade, devemos elaborar e colocar em prática, propostas educacionais que favoreçam os surdos, concebendo-a como uma metodologia, direito a igualdade, com equidade de oportunidades. De acordo com Sanches e Teodoro (2006, p. 73) afirmam:

A educação inclusiva não significa educação com representação e baixas expectativas em relação aos alunos, mas sim a compreensão do papel importante das situações estimulantes, com graus de dificuldade e complexidade que confrontem os professores e os alunos com aprendizagens significativas, autênticos desafios à criatividade e à ruptura das ideias feitas. (SANCHES e TEODORO, 2006, p. 73).

Infelizmente grande parte dos professores, monitores e toda gama de servidores que trabalham no ensino regular, nas escolas de ensino especial e nas escolas regulares não conhecem a LIBRAS, o que dificulta a realização eficaz de ensino aprendizagem de alunos surdos.

Conhecendo essa realidade, quando fui fazer meus estudos/pesquisa, procurei por uma escola que atendesse a surdos e que ficasse próximo da minha casa, assim poderia me aproximar da comunidade surda do Paranoá. Através de uma colega de turma, soube que na minha cidade havia uma Escola Classe Polo em Deficiência Auditiva (D.A), fiquei

³ Todos pela Educação: <http://www.todospelaeducacao.org.br>

animada, e partir em busca de tal escola. O termo Escola-Polo aguçou minha curiosidade, imaginei uma escola totalmente voltada para o ensino do surdo. Mas, o que é escola-polo?

Fui em busca da resposta para a pergunta que não queria calar, e de acordo com as informações obtidas informalmente, as escolas regulares da Secretaria de Educação do Distrito federal, são denominadas escolas-pólo.

3.1 – ESCOLA-POLO

Para início de conversa, não há nenhum documento dentro da secretaria de Educação do Distrito Federal definindo o que é uma escola-Polo, a todos que perguntei responderam que era apenas uma “sigla” para organizar os trabalhos dentro da secretaria de educação. Isso me intrigou, e fui buscar nos documentos disponíveis alguma explicação plausível. Durante minhas pesquisas achei um documento que fala do Polo de Aprendizagem Presencial, e que tem a função de descentralizar as atividades pedagógicas e administrativas do ensino à distância. O MEC fala sobre os polos de aprendizagem na Portaria de Nº 2, de janeiro de 2007, que normatiza o funcionamento no ensino a distância, mas na escola pesquisada não é de ensino à distância que se trata.

Sendo assim, questionei-me o que significa a palavra polo?

A origem etimológica da palavra polo remete-nos para o grego. Deriva de “*polus*”, que se pode traduzir por “eixo”.

No dicionário online Aurélio encontra-se que polo é⁴: - Cada uma das extremidades do eixo imaginário em torno do qual a esfera celeste parece dar uma volta completa em 24 horas. -Local que funciona como centro de uma atividade ou núcleo dinamizador de algo.

Partindo do significado apontado pelo dicionário Aurélio, sabe-se que polo pode ser um local que se destina a alguma atividade, como por exemplo na seguinte afirmação:

O estado de São Paulo é o principal fabricante de vestuário do país, com cerca de 15 mil empresas que atual em todos os segmentos. A capital é o grande polo de moda do

⁴ Conceito de polo - O que é, Definição e Significado <http://conceito.de/polo#ixzz4cZUi8PTQ>

estado e conta com grandes centros de compra como o Bom Retiro e Brás, que são também centros de confecção. Além disso, ótimas escolas de moda estão localizadas em São Paulo e é lá que acontecem todos os anos o clássico evento de moda São Paulo Fashion Week.

O que notamos aqui é que a palavra polo usada aqui neste contexto, engloba desde o estudo da moda, compra e venda de materiais para confecção das roupas, desfiles de moda ao seu produto final, até às peças de roupas propriamente ditas.

Pensando-se neste conceito, imagina-se que uma Escola-Polo é aquele estabelecimento de ensino organizado de maneira exemplar, com local físico adequado para desenvolver as atividades escolares, com métodos pedagógicos que primam pela excelência, nesse caso voltado para educação de surdos. Servindo, portanto, como centro irradiador de estratégias pedagógicas na educação de surdos, inclusive como modelo para outras escolas que atendam essa especificidade de desenvolvimento.

Mas esse termo escola-polo não nasce do nada, diante da grande dificuldade, da própria secretaria definir o que é uma escola polo resolvi entrevistar profissionais da educação a respeito da caracterização de uma escola-polo.

4 - METODOLOGIA

Como suporte de pesquisa escolhi o método de pesquisa qualitativa, partindo do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as informações neles baseado representam um papel menor na análise. Como nos fala Richardson (1989, p. 98), “este método difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumento estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias.”.

Assim, este trabalho está esboçado na seguinte questão: O que é a Escola Polo em DA e como funciona atualmente? Já que seu conceito foi modificado ao longo do tempo e a escola polo de DA não existe mais da forma como foi concebida, atendendo não apenas a comunidade surda, mas a comunidade em geral, a fim de entender o funcionamento da escola hoje, busquei observar, analisar, acompanhar o processo de desenvolvimento de

estratégias pedagógicas com estudantes surdos e as interações sociais ocorridas entre os alunos. O que configura um estudo de caso.

Godoy (1995, p.25) diz que “O estudo de caso é um tipo de pesquisa em que seu objetivo é uma unidade, isto é, um ambiente, um sujeito ou uma situação específica e seu objetivo é analisá-lo em profundidade”.

Como instrumentos de pesquisa, utilizei a entrevista e observação, pois ambos me ajudaram a construir dados, dando suporte para entender o processo. Para Severino (2013, p. 125) destinam-se “a levantar informações escritas por partes dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. As questões que compõem a entrevista são abertas, pois, desta maneira, “o sujeito pode construir as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal” (Severino, 2013, p. 126). Quanto à observação, Richardson (1989, p.121), “este método difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumento estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias.”.

Meu campo de pesquisa foi uma escola intitulada escola-polo de D.A da Secretaria de Educação do Distrito Federal. De acordo com o censo de 2014 a Secretaria de Educação tem 667 escolas distribuídas nas 14 regionais de ensino, a maioria no perímetro urbano e 77 nos núcleos rurais. Cinco escolas parques, 15 Centros interescolares de línguas (CILs), Centros de Ensino Profissionalizante (CEPs): Escola de Música de Brasília (EMB), Escola Técnica de Saúde de Planaltina, Escola Técnica de Ceilândia e Escola Técnica de Brasília, cada uma vinculada à respectivas CREs.

Além disso, existe um Centro de Ensino Médio Integrado no Gama e três escolas de Educação de Jovens e Adultos integradas, uma em Brazlândia e duas no Cruzeiro, cada uma vinculada às respectivas CREs. São 19 escolas com núcleos de alta habilidade e 14 Centros de Ensino Especiais.

A escola-polo de D.A, pouco ou nada se difere das outras e a partir disso, fiz três perguntas aos entrevistados.

- 1) O que caracteriza uma escola-polo?
- 2) Tem algum documento que dê explicações a respeito?

3) Quando se diz que a escola é polo na área de surdez, o que se está querendo dizer com isso?

4.1 - CAMPO DE PESQUISA

O termo “Escola Classe polo de D.A” não existe mais, porém, o termo é usado corriqueiramente pelos professores e servidores da Secretaria de Educação, aparentemente como vício de linguagem. Minha pesquisa foi realizada em uma escola classe que também funciona como (Polo de D.A), uma escola urbana do Distrito Federal.

A Escola foi criada por meio da resolução do CDF/DF e autorizada a funcionar através da portaria do CEE/DF. Seu staff é composto pelos seguintes profissionais: 01 Diretor, 01 vice-diretor, 01 chefe de secretaria, 01 auxiliar de secretaria, 02 coordenadores pedagógicos, 02 porteiros (sendo os dois readaptados, ambos com desvios de função), 01 auxiliar de educação copa e cozinha (readaptado/xérox), 03 auxiliares de conservação e limpeza (readaptados/atendentes telefones e apoio no recreio), 07 merendeiras (incluindo atendimento a Educação Integral- empresa privada), 02 auxiliares de educação conservação e limpeza (serviços gerais), 04 vigilantes (empresa privada), 36 professores, 02 professores intérpretes, 02 professores itinerantes do ensino especial nas áreas de DA / DV, 01 servidor readaptado para a biblioteca, 02 professores de sala de recursos (generalistas), 02 orientadoras educacionais, 01 pedagoga (EEAA), 04 Jovens Educadores Sociais da Educação integral, 05 Jovens Educadores Sociais da Educação especial e 01 monitor do ensino especial.

A escola atende a 740 alunos matriculados, distribuídos em 36 turmas. Destas turmas, 02 são Classe Especial, 01 turmas de Educação Infantil e 22 turmas regulares. Ressalta-se, que existem alunos encaminhados para a Equipe de Apoio e Aprendizagem em processo de diagnóstico.

Grande parte dos professores e colaboradores conhecem Libras, mas não profundamente, só o básico. Alguns professores fizeram um curso básico de Libras, mas são poucos os que praticam. Quem pratica Libras cotidianamente são as professoras⁵ Riane,

⁵ Os nomes de todos os alunos e funcionários da escola citados no texto foram substituídos por nomes fictícios para a preservação da identidade dos mesmos.

Lídia, Ana, Lia, Anne e a interprete Mariá, juntam-se a elas a Diretora Beatriz e a vice-diretora Tina, pois, todas atuam diretamente com os alunos surdos.

A escola oferece curso de Libras para todos os funcionários, colaboradores, pais e familiares dos alunos da escola. O curso é oferecido às quintas – feiras no turno matutino no horário de 10h às 12h e no turno vespertino das 15h às 17h, mas infelizmente nenhum dos pais ou responsáveis dos alunos comparecem.

Com relação ao IDEB, a escola possui o seguinte índice: 5.1 em 2014.

Anteriormente, a escola recebia todo tipo de aluno e com os mais variados diagnósticos. Desde 2013, a escola virou “PÓLO DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA” (Denominado no cotidiano Polo de DA).

Há na escola duas salas de classes especiais, uma turma no matutino e outra no vespertino. Cada turma conta com cinco alunos surdos. No matutino todos os alunos são surdos profundos e já no vespertino, os alunos têm situações variadas. Três tem surdez profunda, Yan, Lúcio e Raí, um aluno chamado Leo é oralizado com implante Coclear e outro chamado Maicon é surdo moderado e usa aparelho auditivo, mas tem dificuldade na fala.

A sala é muito pequena, contendo no acervo: Cinco carteiras escolares, uma mesa para professora, quatro estantes, uma TV 42 polegadas, um aparelho DVD e ventilador. Não há nenhum projetor na sala ou na escola. Uma das estantes está repleta de materiais direcionados à educação de surdos, como conteúdos voltados para cultura surda, mas que nunca vi serem usados nesses últimos cinco meses de observação.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) não estava atualizado, ainda era de 2014 quando pesquisei pela internet da primeira vez. No site da Secretária Educação do Distrito Federal, comuniquei a Diretora e ela pediu que atualizassem. A mesma pediu que fosse atualizado, mas não há nada de novo, só mudaram a data.

Essa escola considerada Polo de D.A conta com duas salas bilíngues (anexo 04) e uma sala de recursos que atende a todos os alunos e professores da escola. É entulhada de materiais e também tem função de sala de informática. A acessibilidade é péssima e o piso é irregular.

A escola possui quatro banheiros. Dois femininos, sendo um para alunas e um para professoras e dois banheiros masculinos, um para professores e um para alunos. A escola possui também dois bebedouros (anexo 01), que não atenderiam adequadamente um aluno cadeirante e possui uma rampa que dá acesso só a uma parte da escola.

Cinquenta por cento (50%) dos professores atuam sobre o regime de contrato especial. Nos Jogos Paraolímpicos da escola havia um cartaz que englobava todas as deficiências, porém, não havia nenhum destaque para D.A. Na escola não há nada que lembre que ali funciona um Polo de D.A. Quanto a Cultura surda, há algumas matérias em fitas k-7, DVD e livros de história num dos armários da Sala Bilíngue e na sala de Recurso tem um Dicionário em Libras (CAPOVILLA), guardado no armário.

4.2 - DOSSIÊ DA TURMA CLASSE BILÍNGUE DE 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Meu primeiro contato com a escola e com a turma ocorreu no dia 16 de agosto de 2016. Fui muito bem recebida pelo coordenador João e a diretora Beatriz que me levaram até a sala da professora Lídia. Esta por sua vez foi muito simpática e aceitou que eu fizesse a observação em sua sala. As observações realizadas para o estudo foram transcritas de acordo com os tópicos definidos, passando a fazer parte da análise de dados. As observações tiveram a duração aproximada de cem horas e foram realizadas durante as aulas com conteúdo programático do 1º e 2º anos iniciais principalmente nas aulas de Matemática e Português. Busquei observar os alunos surdos também na hora do recreio, pois era a hora em havia maior integração entre alunos surdos e ouvintes.

No primeiro dia a professora me apresentou aos alunos usando sinais (libras) e oralmente, o que achei bastante estranho. Mas logo ela me esclareceu que na sala além dos alunos com surdez profunda (Lúcio, Yan e Raí) também havia dois alunos oralizados, um surdo moderado que usava aparelho auditivo (Maicon) e outro aluno (Léo), com implante coclear e que segue corretamente o tratamento usando o aparelho.

A sala era pequena (anexo 04), composta de um quadro branco, um ventilador, cinco armários (anexo 03), sendo um para a televisão de 42 polegadas com tela plana (anexo 05) e para o aparelho DVD, uma mesa para professora, e cinco carteiras com

cadeira par os alunos. A professora espalhou cartazes nas paredes, todos em Libras e Português que ela e os meninos confeccionaram. Havia um cartaz das Horas com a música “Tumba laca Tumba Tá”, um informativo sobre a Dengue, um sobre as diferenças climáticas, trabalhos sobre família e outros sobre folclore, Alfabeto em Libras e Português.

A professora é formada em Pedagogia e recentemente fez graduação em Letras/Libras pela UnB. Tem quinze anos de experiência na área de alfabetização, desde a contratação pela Secretaria de Educação. Sempre trabalhou nessa escola classe e mora ha cinquenta quilômetros da mesma. Trabalha com surdos há quatro anos e encontra dificuldade para ministrar suas aulas, pois não tem a sua disposição, materiais adequados, exemplo, um retroprojeter. Possui a disposição apenas um aparelho DVD e uma TV 42 polegadas.

No segundo dia de aula, cheguei e cumprimentei os meninos em libras e oralmente. Eles ficaram agitados mais uma vez, procurei não interferir e me mantive o mais neutra possível, mas Lúcio não deixou, ele tem oito anos e é muito esperto, aprende com facilidade. A professora Lídia relatou que ele é surdo profundo, fez implante coclear, mas não se adaptou, não gostou do aparelho, na verdade, não suportou o barulho e pediu me ajuda para achar algumas letras.

Lúcio usava Libras e alguns sinais caseiros para se comunicar, é muito inteligente, faz as tarefas, mas é extremamente mimado, dá muito trabalho para professora (faz muita birra quando não tem seus desejos atendidos e sai correndo e chorando da sala). A mãe sempre fez todas suas vontades por não entendê-lo e ele por sua vez, tenta fazer o mesmo com a professora, mas ela o está educando. Segundo ela, no início do ano ele nem sabia que tinha um nome, não sabia a sua idade e muito menos o que fazia ali naquela escola. Posteriormente, vou relatar os esforços que professora Lídia faz para conscientizá-lo da sua existência. Neste dia, ela estava trabalhando com o alfabeto em Libras e Português, usando figuras, nomes e sinais de frutas.

Raí sofre de nanismo, tem uma corcova nas costas, suas mãos são pequenas e os dedos têm quase o mesmo tamanho, com funções reduzidas, o que dificulta sua comunicação em libras. É a primeira vez que frequenta uma escola, muito inteligente, mas seguidor fiel de outro amigo surdo, costumando reproduzir tudo o que o outro faz inclusive

as tarefas. Mas em duas oportunidades em que o amigo faltou à aula, ele fez todas as atividades sozinhas, apresentando pouca dificuldade na execução da mesma.

Maicon tem surdez moderada possui dificuldade com letras cursivas e alguns fonemas. No entanto, é preciso considerar que ele nunca havia frequentado uma escola.

Yan quer ser oralizado, ele é surdo profundo e diagnosticado com deficiência intelectual, diagnóstico contestado pela professora, pois é evidente que ele aprende e não esquece o que aprende.

Faz todas as tarefas sem ajuda de ninguém, se comunica em Libras, mas acha que fala oralmente. Toda vez que nos aproximamos, murmura algo, tenho que pedir para que ele use libras para eu entendê-lo. Yan apresenta um bom aprendizado das palavras e seus sinais em Libras. A professora relatou que ele esta apto para cursar o 2º ano.

Léo fez implante coclear e usa prótese auditiva. É oralizado e estuda nos dois turnos (Manhã no CEAL⁶ e à tarde, na escola-polo) e sempre se apresenta cansado. Usa Libras para conversar com os colegas surdos. É o único a cursar o 2º ano na sala. É um menino bem dinâmico, faz todas as atividades sozinho, raramente pede ajuda. Para o ano de 2017 ele foi transferido para o 3º ano, mas a mãe queria que ele fosse realocado na 4º ano. A professora reagiu e explicou que embora apresentasse um bom rendimento, ele precisa amadurecer, e ao transferi-lo para o quarto ano ele também teria prejuízo na aprendizagem.

5- RESULTADOS

A partir de observações realizadas, diálogos com a professora regente, com a professora da Sala de Recursos e com a intérprete, definiu-se duas categorias: Estratégias Pedagógicas desenvolvidas pelo professor e Integração com os demais colegas.

Durante o período de observação, percebeu-se, que o plano de aula e as estratégias pedagógicas eram totalmente flexíveis, pois por mais que a professora tentasse aplicá-lo era constantemente interrompida por perguntas dos alunos surdos. Era visível o interesse de conhecer, não só o conteúdo pedagógico, mas conhecer e entender o mundo em que eles se inserem.

⁶ Centro Educacional Ludovico Pavoni

5.1- CONTEXTO EDUCACIONAL

A partir deste momento, adotaremos a estruturação das informações por meio de episódios comentados, recortes fotográficos de aspectos fundamentais para compreensão do processo educacional do aluno surdo.

Episódio 01: “Flexibilidade”

A professora trabalhou com alfabeto móvel em português/libras, Durante uma conversa no início da aula um dos meninos perguntou o que era “zoológico”, o plano de aula sofreu transformação e a professora recorreu ao seu “Banco de atividades”⁷. Assim, aproveitou e explicou para os alunos a diferença entre animais selvagens e animais domésticos. Raí, Yan e Lúcio recortaram de revistas figuras de animais domésticos e animais selvagens e à medida que encontravam um animal que eles não conheciam a professora ensinava o sinal e o nome do animal e pedia para que eles recortassem as letras no alfabeto móvel e as colassem debaixo da figura do animal formando o nome do mesmo.

É interessante observar como a professora soube ser flexível com relação ao seu plano de aula, ela o transformou. O episódio nos ajuda a refletir que cabe a nós educadores oferecer situações que permita que os alunos desenvolvam suas potencialidades e necessidades, sendo assim planejar com flexibilidade e aprimorar os planejamentos, replanejando é fundamental, visando à melhor adequação para a realidade que será aplicada.

Como nos diz Vasconcelos (1995, p.42), “essência do planejamento envolve três dimensões: a ação de ser realizada, não uma ação que visa a um fim, e por sua vez, tanto o fim como a ação estão referidos a uma realidade a ser transformada”.

Episódio 02: “Equívoco”

Acompanhei os alunos Junia 13 anos e Henri 14 anos numa aula na Sala de Recursos, ambos cursam o 6º ano e são acompanhados pela professora/Interprete. A

⁷ Banco de atividades: Algumas atividades impressas de aulas anteriores que a professora poderia reutilizar.

professora apresentou um vídeo, com imagens dos objetos e nome dos mesmos que seriam estudados exemplo, muro, formiga, primavera, cachorro, velho, morto, flores, neve, frio, etc.

Interpretou o livro “*A formiga e a neve*” de João de Barro (Braguinha), ela fez o sinal de cada palavra e os fez fazer uma ligação entre cada palavra e a história apresentada. Mas notei que na palavra formiga ela fez o sinal da barata, não comentei nada e depois tirei minha dúvida com as outras professoras, mas não relatei o ocorrido. Durante o recreio procurei os alunos e perguntei a eles, qual o sinal de formiga e o da barata, eles se entreolharam , riram e me ensinaram.

O educador também erra cometer equívoco no nosso dia-a-dia é inevitável, mas devemos ter humildade para reconhecê-los e voltar e tentar aprender com ele. Como afirma Luckesi (2000, p. 98) “o erro não é fonte de castigo, mas suporte para o crescimento”.

Episódio 03: Onde está a Cultura surda?

Após a aula, fomos para a Sala de Recursos e a professora passou o filme “*A Bela e a Fera*”, interpretou o filme inteiro. Depois fez uma mesa redonda e pediu que os meninos contassem qual parte do filme mais tinha gostado. As cadeiras eram desconfortáveis, o aparelho de slides que ela trouxe distorcia a imagem, a sala estava quente, e com as janelas e porta fechadas. Os meninos mais saíam para se refrescar e tomar água, que assistiram ao filme, estávamos todos inquietos, nos abanando.

Após o recreio retornamos para Sala de Recursos, se antes a aula não rendeu agora a situação era pior, com o calor intenso e com a chuva do dia anterior que deixou a alta umidade, logo precipitou uma chuva forte que provocou queda de energia elétrica e ninguém fez mais nada.

A escola existe por causa do aluno, essa escola em especial se autodenomina um polo de D.A. O MEC envia materiais novos e atualizados para escola sobre/para Educação de Surdos. Por que não utilizá- los? Nesta aula a professora perdeu a oportunidade de usar umas das histórias da cultura surda disponível na escola. Aliás, durante nossa observação, em aula alguma a CULTURA SURDA foi mencionada.

Episódio 04: Entre flores e cores

A professora estava fazendo um trabalho com sequência numérica, apresentando algumas cores e nomes de animais. Os materiais utilizados foram: uma aquarela com as cores trabalhadas, uma régua numérica com os números soltos e atividade impressa para os alunos pintarem e colarem os nomes das cores e animais correspondentes.

Ela fez uma introdução das cores interpretando em Libras e oralmente a história do “Cravo e da Rosa”, mostrou o material por ela confeccionado bem colorido com as cores pré-selecionadas. Em seguida relembrou as cores mencionadas na história, mostrou a aquarela e pediu que eles fizessem o sinal e recortassem as letras do alfabeto e colassem nas cores correspondentes. Com o nome dos bichos ela usou uma propaganda de um zoológico, e pediu que eles fizessem o sinal de cada bicho, recortassem os nomes e colassem.

Depois do recreio eles foram levados para a Sala de Recursos, a professora relembrou a matéria dada e pediu que eles procurassem na sala objetos com as cores mencionadas.

Percebi que os alunos têm dificuldades. A professora trabalha com alguns tipos de sequência numérica, as cores básicas, o alfabeto em libras/português e objetos de tamanhos diferentes. Yan já entendeu a lógica de crescente e decrescente, mas Lúcio e Raí ainda têm dificuldades.

Episódio 05: Sala de Recursos

Em um dos dias de observação, acompanhei uma professora em um atendimento individual na Sala de Recursos. O aluno atendido era oralizado e usava prótese auditiva. O atendimento educacional especializado foi em Libras. O referido aluno rejeita Libras, mas usa a mesma para se comunicar com os outros amigos surdos.

A professora comentou que ele necessita de um fonoaudiólogo, pois ele tem dificuldades ao pronunciar alguns sons, mas no momento ele não está fazendo nenhum tipo de acompanhamento na área de saúde. Seu desempenho em Libras é muito lento, quer muito ser oralizado e é uma espécie de líder na sala, o que ele faz os colegas o acompanha. Não gosta de fazer as atividades da sala de aula, pois diz que não devia estar naquela sala de 1º e 2º ano e que as tarefas são para crianças.

A professora escreveu as palavras no quadro e solicitou que o aluno as copiasse, lesse em voz alta, e fizesse o sinal correspondente, assim como, à datilologia. Foram várias palavras todas fazendo uma ligação com a leitura do livro que iria trabalhar com ele em seguida. O título do livro é “*PUMMMM*” de David Roberts.

O livro conta a história de um menino mal educado, bagunceiro que adora soltar puns perto das pessoas, ela interpretou a história em Libras. Explicou o significado e o sinal das palavras que ele não conhecia.

Em seguida, a professora trabalhou com sequência alfabética, soma e subtração com outros alunos, para isso, ela usou Libras, palitos de picolé, folhas impressas com as atividades propostas. Com outro aluno, ela montou a tabuada de multiplicação de 7 e 8, contas de vezes e divisão, armando/efetuando e tirando a prova. E também em português colocou as palavras em ordem alfabética.

De acordo com o Portal do MEC⁸, a Sala de Recursos veio para apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestando de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem.

A Sala de Recursos do polo de D.A deixa muito a desejar, está sempre cheia, é de difícil acesso e os alunos se dispersam facilmente com o entra e sai de alunos e professores. No caso desse aluno que tem surdez moderada, usa aparelho e é oralizado, mas não gosta de libras, fica quase impossível manter sua atenção.

⁸<http://portal.mec.gov.br/pnaes/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17430-programa-implantacao-de-salas-de-recursos-multifuncionais-novo>

5.2- INTERAÇÃO COM OS COLEGAS

Episódio 01: “Nem se eu escutasse, eu queria te escutar”

Presenciei um dos dias mais engraçados dessa observação, só havia dois alunos na sala de aula. A aula transcorria normalmente, quando começou uma discussão entre Yan e Lúcio, ambos reclamavam um do outro gesticulando que o outro era “burro” e não sabia nada. Yan pegou o caderno arrancou uma folha fez duas pequenas bolas e colocou no ouvido e fez o gesto para Lúcio indicando que não queria ouvi-lo. Lúcio por sua vez fez o mesmo, pegou a mesma folha, rasgou duas tiras embolou e colocou nos ouvidos. Ambos voltaram a fazer a atividade proposta. E eu e a professora “caímos na risada”.

As crianças surdas são crianças como qualquer outra, ingênuos e não levam em conta a surdez. Na verdade, os ouvintes é que demonstram não aceitarem a surdez e, conseqüentemente, não aceitam as pessoas surdas.

Esse episódio me fez refletir, parei de olhar para os meninos como alunos e vislumbrei duas crianças fantásticas e inocentes.

A infância faz parte da sociedade. Para o entendimento da infância, Pinto e Sarmiento (1997, p.25) salientam:

Que olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso.

Episódio 02- Fala... mas não te escuto

A aula transcorria normalmente, a professora estava trabalhando com figuras geométricas, cores e sinais. Após essa atividade, ela deu outra atividade de sequência alfabética em Libras e português escrito.

Durante o recreio um aluno surdo foi selecionado como ajudante do dia na quadra de esporte, mas durante um jogo de futebol, houve um desentendimento e ele quis expulsar os brigões da quadra.

Os meninos não aceitaram e a confusão começou. Yan irritado empurrou um dos meninos que foi se queixar com a professora, que por sua vez foi ver o que estava acontecendo e ao se dirigir a Yan também foi empurrada por ele. Muito nervoso, voltou à sala de aula pegou sua agenda e exigia que a diretora ligasse para sua avó lhe buscar na escola.

Tanto a diretora quanto a professora não conseguiram acalmá-lo. Ele ficou sentado diante da sala da direção por uns quinze minutos. Lembrei-me que precisava fazer fotos da escola e fui até ele, levei sua garrafa d'água, pedi que ele fosse ao banheiro e lavasse o rosto. Convidei-o para fazer as fotos comigo e ele aceitou. Saímos fotografando a escola e conversando em Libras, ele me explicou e mostrou todos os cômodos da escola.

Voltamos para sala ele fez suas tarefas, e eu pedi à diretora que chamasse os meninos que haviam se desentendido com ele e resolvi fazer uma dinâmica de conscientização.

A dinâmica foi simples: Solicitei que eles imaginassem que estivessem no Japão. Para ajudá-los nessa tarefa baixei, no meu celular uma entrevista de um jornal qualquer do Japão e fiz as seguintes perguntas: Vocês sabem falar japonês? Vocês entendem japonês? Como você faria para pedir comida, água? Você gostaria que aparecesse algum tradutor para te ajudar? As respostas correspondentes a cada pergunta foram: Nós não sabemos falar e nem entendemos japonês. Faríamos gestos para pedir água e comida. E ficaríamos muito felizes se aparecesse um tradutor.

Expliquei que assim que os surdos se sentem em um contexto em que a maioria fala língua oral e eles língua de sinais. E que nós devíamos protegê-los e ajudá-los, pois grande parte dos conflitos que eles vivenciam se deve à dificuldade de comunicação. Expliquei ainda que as mães nos educam desde bebês, sempre falando cuidado com isso, com aquilo, etc. E querendo ou não nós as ouvimos. Mas os surdos não ESCUTAM. E que é na escola, assim como todos nós, que eles se descobrem “gente”, cidadão de direito e deveres.

O recreio é a hora em que mais acontecem os conflitos e acidentes na escola, a falta de Libras no currículo dos ouvintes e atividades que proporcione maior integração entre os

alunos surdos e ouvintes é fator principal dessas desavenças. Como socializar sem diálogo? A escola é polo de D.A, o lógico seria que todos os funcionários, desde o diretor até o porteiro soubessem libras e todas as turmas fossem bilíngues.

Laborit (2000, p. 115) em seu livro *O voo da Gaivota* demonstra todo o sentimento quanto a essas imposições do mundo ouvinte: “Somos uma minoria, os surdos profundos de nascença. Com uma cultura específica e uma língua específica. Os médicos, os investigadores, todos os que querem transformar-nos a qualquer preço em ouvintes põem-me os 13 cabelos em pé”.

5.3 – ESCOLAS-POLO NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

A partir das entrevistas realizadas com os profissionais a respeito da definição e caracterização da escola Polo temos que:

A primeira entrevistada era formada no curso de Letras-Libras, intérprete formada pela UnB e trabalha como professora itinerante de um dos Polos de Apoio de aprendizagem em D.A.

E de acordo como ela, antes da implementação da LDB, lei de inclusão de Darci Ribeiro, as escolas que atendiam as pessoas com deficiências eram denominadas de escolas Polo, era tudo documentado e definido, por exemplo, a escola classe 04 era polo de Surdez só recebia alunos surdos, a escola classe 03 era polo de deficiência física e só atendia a alunos com alguma deficiência física, a escola classe 01 como polo de deficiência intelectual e só atendia alunos com deficiências intelectuais, mas, atualmente ela só conhecia o documento do Polo de aprendizagem de educação à distância.

Com relação a essa temática, ainda destacou que com a lei de inclusão de Darci Ribeiro, essa prática foi mudada, isto é, oi pedido que o aluno ficasse o mais perto de casa possível. A escola classe 04 que já era denominada Polo de surdez, continuou atender aos alunos surdos do primeiro ao quinto ano, atendendo também a outros alunos que tinham quaisquer outras especificidades, conforme a lei de inclusão.

E ao caracterizar uma escola-polo na área de surdez, afirmou que, quando a escola recebeu o título de escola polo em D.A, todos os funcionários, do porteiro ao diretor, fizeram curso de LIBRAS, nível básico. Infelizmente o curso não teve continuidade. De

acordo com a entrevistada, muda-se o governo, mudam-se as regras, siglas e o rodízio de professores e funcionários é muito grande, tudo isto atrapalha o bom funcionamento da escola. Como a escola classe 04 é considerada até hoje polo de D.A, o MEC envia para a escola todo o material sobre educação para surdos, exemplo, livros adaptados para surdos, histórias infantis adaptadas, no ensino de ciências, sistema solar adaptado em libras, etc. E por fim, desabafou:

A atual situação da escola me preocupa, atendemos a todos as especificidades conforme a lei de inclusão, mas o que torna o atendimento inadequado é que não temos profissionais que tenham qualificação em todas as especificidades. Quando a escola era voltada só para surdez o atendimento ao surdo era muito melhor, temos alunos que saíram dessa escola alfabetizados, já estão fazendo P.A.S e se preparando para o Enem com objetivo de fazer faculdade. “Isso é muito gratificante para mim.”

A segunda entrevistada é também formada em Letras Libras pela Universidade Federal do Paraná e atua como intérprete. Ao ser perguntada a respeito da caracterização de uma escola-polo, respondeu da seguinte maneira: *O que caracteriza uma escola-polo aqui no DF é a escola que se dispõe a receber crianças especiais e está de acordo com os parâmetros da lei; que é polo em determinada área.*

E com relação à documentação a respeito, afirmou que não há nenhum documento sobre escola polo, se existe, nunca viu. Ao definir o que significa uma escola-polo na área de deficiência auditiva, destacou que uma escola é polo de D.A, quando a escola é apta a atuar na área de surdez, juntamente com profissionais qualificados, intérpretes, sala de recursos, escola e família, isto é, fazendo um trabalho em conjunto.

E a terceira professora entrevistada é formada em Pedagogia e Letras-Libras pela UnB. Atua como professora regente em sala bilíngue. No que diz respeito à escola-polo, afirmou que: *Denomina-se escola-polo a lotação do servidor, isto é, onde ele assina o ponto. Exemplo: uma pedagoga ou uma psicóloga que trabalha em mais de duas escolas, geralmente ela é lotada em uma dessas escolas, então falamos que ela é da escola tal.... A escola-Polo dela é tal....*

Ao questionarmos se havia algum documento que definisse o que seria uma escola-polo, respondeu que não existe nenhum documento que fala a respeito da escola-polo. E que esse termo é usado entre os servidores e nada mais é do que a REFERÊNCIA

para determinadas crianças estudarem. Citou o seguinte exemplo: *A escola de referência para DV é na 410 sul, a escola de referência para DA é na 114 sul.*

É notório que até os professores que atuam nas escolas-polo não chegam a um consenso quanto ao conceito do que caracteriza uma escola-polo, mas de maneira geral definiram que uma escola polo é aquela que é apta a receber o aluno com alguma deficiência.

Assim, percebe-se que há um uso indevido do termo “escola-polo”, pois, o que eles chamam de escola-polo nos pareceu uma postura pedagógica anterior ao atual modelo de educação inclusiva, isto é, no paradigma de inclusão escolar adotado em nosso país, o estudante tem direito de se matricular em qualquer escola e todas as escolas deveriam estar preparadas para receber todo e qualquer aluno. Dessa forma, não haveria mais necessidade de escolas-polos em determinadas especificidades de aprendizagem.

Nota-se também, com efeito abrangente, que as escolas-polo perderam muitas de suas qualidades técnicas singulares, que as caracterizavam pela especialização em tipos de deficiência. Atualmente, as escolas não diferem os tipos de deficiências, porém, no caso observação ainda mantêm sua especialização em D.A, atendendo alunos que podem apresentar as mais variadas deficiências e por questões inclusivas, atendendo também a alunos sem especificidades com interesse em ser matriculados em tais escolas especiais. A abrangência dos tipos de deficiências nessas escolas compromete o desenvolvimento das funções dos funcionários, que muitas vezes não possuem o conhecimento de certas modalidades de desenvolvimento.

Além disso, as entrevistas demonstram que a escola passa por um momento de tensão, na qual compreende que a melhor forma de atender aos alunos surdos, seria por meio de uma escola-polo. No entanto, este formato compromete o paradigma da inclusão escolar, que argumenta que toda e qualquer escola deve estar preparada para atender a quaisquer alunos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei neste trabalho mesclar as concepções teóricas com as concepções práticas para poder entender melhor seus conceitos e principalmente perceber a necessidade em assumir uma postura crítica, porém, reflexiva da nossa prática educativa diante da realidade vivida em sala, no intuito de buscar uma educação de qualidade, direito garantido em lei (LDB - Lei nº 9394/96).

Freire nos diz que educar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p.26).

Deste modo, educar não é treinar nem transmitir informações para pessoas. Educar é mediar aquisição de conhecimentos, fazendo com que o conhecimento seja interessante e estimulante tanto para educando como para o educador. Educação é um processo de troca. E a verdadeira aprendizagem está na interação entre professor-aluno, na construção do conhecimento desses dois sujeitos haverá um ensino de qualidade e as aulas precisam ser participativas, interativas e envolventes. É “[...] olhar cada aluno em seu próprio tempo é jeito de aprender e oferecer-lhe apoio pelo tempo que precisar [...]” (HOFFMANN, 2001, p. 64).

Foi isso que observei no período de pesquisa, que no processo ensino-aprendizagem o aluno não é um repositório de informações e sim agente da construção de seu próprio conhecimento e que o papel do professor não deve ser o de ensinar, mas o de facilitador da aprendizagem e que para a falta de interesse dos alunos é necessário desenvolver uma prática pedagógica pautada na interdisciplinaridade e na contextualização.

Para nortear os trabalhos da escola é necessário que o Projeto Político Pedagógico (PPP), identifique que tipo de escola queremos juntamente com o corpo docente, a comunidade que o cerca e a sociedade. É fundamental que sua elaboração acompanhe a história de um povo, as modificações que ocorrem constantemente na sociedade e a legislação que norteia a educação em todos os níveis, nos aspectos sociais, políticos, culturais e antropológicos.

Uma escola consegue organizar um currículo inclusivo quando reconhece a complexidade das relações humanas, a amplitude e os limites de seus objetivos e ações;

quando entende o ambiente escolar como um espaço relacional que estabelece laços que contribuem para a formação de uma identidade individual e social (MINETTO, 2008, p. 32).

As professoras das salas bilíngues enfrentam muitas dificuldades, há falta de materiais para as atividades pedagógicas; falta de sala adequada para as aulas; a falta de interesse dos pais e responsáveis na educação dos próprios filhos, a falta de recursos audiovisuais; materiais voltados para educação de surdos e o descaso dos servidores da escola que não se interessem em se capacitarem em Libras para atender a comunidade a qual a escola está destinada, ou seja, a comunidade surda. Tudo isso me fez refletir sobre minha formação e nos desafios que terei pela frente.

Na Faculdade de Educação tudo parece fácil e mágico, mas a realidade é assustadora olhando como futura pedagoga. É imprescindível que os alunos de Pedagogia e demais licenciaturas façam estágios em que o estágio supervisionado, exija mais reflexão. Pensei e repensei nas aulas dadas, nas estratégias usadas pela professora, nos materiais empregados, no conteúdo apresentado, nos objetivos, tudo que envolvesse aquele processo de ensino aprendizagem. É essencial que futuros professores tenham contato com a realidade, pois na faculdade, essa realidade é apenas teórica. No projeto 4 e 5, teoria e prática se encontram, certo e errado, choque com a realidade que não disfarça e a ampliação ou não de horizontes do futuro professor.

Observar o professor em ação te leva a refletir sobre a prática profissional, na solidificação da escolha do seu curso e na história que você vai escrever de agora em diante. Acredito que tive muita sorte, pois a professora da sala observada me mostrou o quanto é importante um professor se reinventar, buscar uma qualificação continuada, por meio da prática de ensino com propostas alternativas, desenvolvidas como ações para além do ensino curricular proposto. E principalmente me ensinou a paciência, sua serenidade e alegria mesmo nos momentos mais difíceis, sua postura profissional diante da adversidade fez compreender como um professor deve se portar. Sua preocupação com os alunos não se limitava a sala de aula, mas como um todo. As mães estavam sempre em contato com ela via celular e presencialmente, se um aluno faltasse, ela procurava contato com a família,

buscava sempre ajudá-los nas dificuldades da escola e na vida, sim na vida, pois se preocupava com as questões sociais, culturais e até relacionadas com a saúde dos alunos.

No início da observação cheguei a ficar irritada, pois a professora sempre exigia que os alunos pintassem as tarefas, sempre tinha alguma figura e ela sempre indicava três ou mais cores. Durante uma conversa ela me relatou que isso os ajudava na coordenação motora e na fixação do nome das cores e seus sinais e me mostrou alguns exercícios feitos no início do ano letivo. Pude perceber a evolução de cada aluno e lembrei-me das aulas de geografia com a noção espacial que a criança vai adquirindo ao longo da vida e nas garatujas, etc. Lembrei-me também das aulas de Escolarização de surdos na influência da linguagem viso-espacial no desenvolvimento cognitivo da criança surda.

Minha experiência com alunos surdos no Polo de D. A foi gratificante. Cheguei à escola com olhar de pesquisadora, mas me deparei com crianças e adolescentes que, embora em tenra idade, superaram inúmeras dificuldades. Essas crianças foram negligenciadas na primeira infância, não de propósito, mas por falta de orientação adequada à família a respeito de suas especificidades.

Deparei-me com crianças que nunca foram à escola, que não tinham conhecimento da sua própria existência, que não tinham ideia do que era uma festa de aniversário (anexo 07), desconheciam o natal, não entendiam o “porque” seus pais ou tutores os levaram para aquele lugar estranho (escola), deixando-os com estranhos (professores e alunos). Alunos que gostavam de folhear livros, gibis, revistas, mas não entendiam o que significavam aquelas figuras e se comunicavam através de gestos e mímicas.

Considerados incapazes, esses alunos em um ano superaram no mínimo uma década de falta de escola, aprenderam duas línguas (Libras e português), aprenderam a socializar, acharam seus pares, com um pouco de dificuldade já conseguem se comunicar em libras, mas nos sinais são imbatíveis, amadureceram e aprenderam a ler o mundo em que estão inseridos e a quebrar paradigmas.

Embora esta escola não atenda a todas as necessidades dos surdos lá matriculados, devemos salientar que as professoras e intérpretes das escolas bilíngues se esforçam para que os alunos tenham o melhor atendimento possível.

Hoje me sinto mais preparada, buscarei ser não só uma professora, mas uma educadora. E sem dúvida o meu aprendizado foi imenso, apesar das dificuldades encontradas nesse estágio, superei minhas expectativas e consegui atingir meus objetivos.

7 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A partir da experiência vivida ao realizar esta pesquisa, percebi que devo continuar meus estudos na área de surdez começando com um curso de Libras, me aprofundando nos estudos de Libras e na Cultura Surda. E conhecendo as deficiências da escola denominada Polo de D.A da minha cidade, pretendo fazer um projeto para o mestrado, onde eu possa contribuir para mudar a realidade dessas escolas.

REFERÊNCIAS

2012. MESTRE, M.B.A. Mulheres do século xx: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000). 2004. 236p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

Acessado em: dezembro/2015.

ARIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 – EDUCAÇÃO DA MULHER Referências bibliográficas.

BLAY, E.A. 8 de março: conquistas e controvérsias. 2004. Disponível em: Acesso em: 10 Ago.

FOUCAULT, Michael. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete, 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GÓES MCR. Linguagem, surdez e educação. Campinas, SP: Autores Associados; 1996.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus, 1999

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GUARINELLLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo/;

HOFFMAN, J. Pontos e Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 1999

LABORIT, Emmanuelle. O voo da Gaivota. Editorial Caminho, Lisboa, 2000.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MALLARD, S.D.S. A mulher do século XXI. 2008. Disponível em: . Acesso em: 10 Set. 2012.

Plexus, 2007. GÓES MCR. Linguagem, surdez e educação. Campinas, SP: Autores Associados; 1996.

MINETTO, Maria de Fátima. Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio. 2. ed. rev. atual. ampl. Curitiba. Ibpex. 2008.

REGO, T. C. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 9.ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1995.

ROMANELLI, O. O. História da Educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

Site:<<http://agenciabrasilia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2016/10/regimento-escolar-rede-publica-de-ensino-df.pdf>> Acessado em: julho/2016.

Site:<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4661/1/MD_EDUMTE_II_2012_09.pdf> Acessado em: dezembro /2015.

Site:<http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/8_educacao_especial.pdf> Acessado em: junho/2016.

Site:<<http://www.todospelaeducacao.org.br>> Acessado em: abril/2016.

Site:<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/transformacoes-sociais-das-mulheres-no-seculo-xx/20862>.> Acessado em: setembro/2016.

Site:<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf> Acessado em: setembro/2016

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: plano de Ensino - aprendizagem: elemento metodológico para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A Prática Pedagógica do Professor de Didática. 3.ed. Campinas: Papirus,1996.

ANEXOS – FOTOGRAFIAS DA ESCOLA

Figura 1 Bebedouro



Figura 2 Parquinho

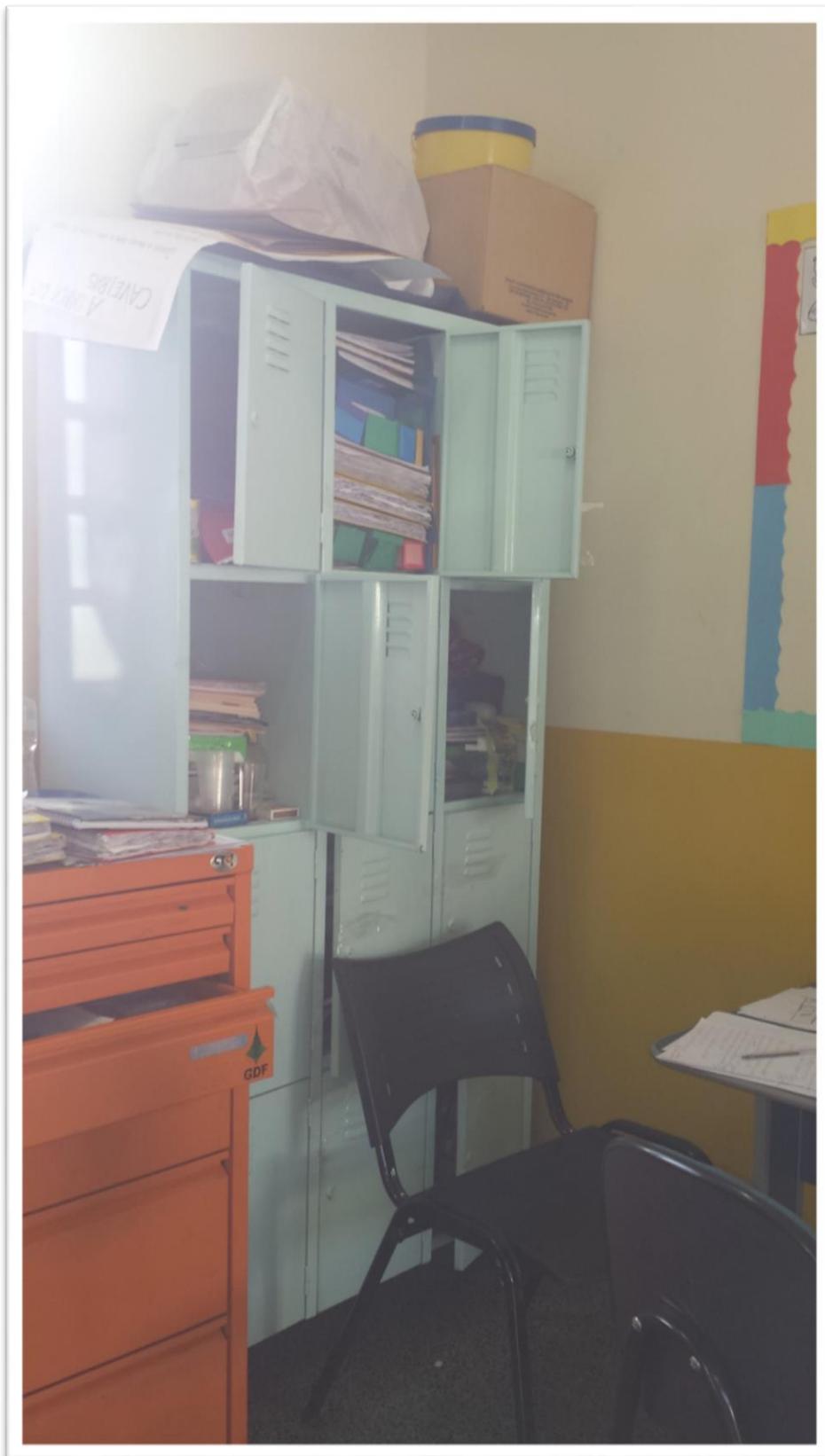


Figura 3 Armários



Figura 4 Sala de aula bilingüe



Figura 5 Televisão



Figura 6 Aula bilíngue Libras - Português



Figura 7 Aniversário